

Como Tantos Outros

Pseudônimo: Sinhá Moça

É mais uma noite de domingo comum. Afundo no meu sofá desgastado de dois lugares, na sala apertada que mal comporta os móveis gastos e o silêncio pesado, enquanto espero o início da final da Copa do Mundo entre Espanha e Argentina. Como tantos outros, espero a Argentina perder... ou seria ganhar. Que diferença isso faz, quando a verdadeira disputa acontece aqui dentro de casa?

Abriu a despensa quase vazia, improvisar um jantar simples, revisar contas que nunca fecham, e me deixar envolver pelo descanso precário que a TV insiste em oferecer. O barulho da panela, o cheiro de comida requentada, o zumbido constante da geladeira; tudo reflete uma rotina que se repete sem novidade. Amanhã cedo, como tantos outros, preciso levantar para o trabalho. Como dizia meu pai: “ir à luta”, “arregaçar as mangas”. Mas a luta parece sempre a mesma: contra o relógio, contra o cansaço, contra o mês que nunca termina.

Como tantos outros, não tenho o privilégio de morar perto do emprego, nem da escola dos filhos. O trajeto rouba horas de sono, e dormir seis horas já seria um grande luxo. Como tantos outros, carrego o peso de necessidades que sempre se acumulam mais rápido do que consigo dar conta.

Se eu fosse escritor, talvez conseguisse dar algum sentido a esta rotina, transformar o desgaste em palavras. Entretanto não sou. Sou apenas mais um, como tantos outros, que escreve com o corpo, com o suor, com o tempo perdido na rota diária.

Se estivéssemos no século XIX, eu saberia dizer se sou aquele que compra ou aquele que é comprado. Irônico. Hoje, como tantos outros, não é que eu não saiba; é que não me deixam saber. Dizem que sou livre, mas minha liberdade se resume a escolher qual forma de cansaço vou carregar. Rui Barbosa já alertava: *“Declarar abolida a escravidão é dar apenas meia liberdade aos escravos.”* Essa meia liberdade, hoje, se traduz em horas vendidas e semanas de desgaste.

O chicote foi trocado pelo relógio, e as correntes de ferro pelas correntes invisíveis da necessidade. O tempo é o novo senhor. Ele decide quando acordo, quando como, quando descanso, quando volto para casa. Cada minuto é vigiado, cada hora é cobrada. Como tantos outros, vivo na escravidão do tempo: sempre devendo, sempre correndo, sempre atrasado.

Na escravidão de ontem, o preço era a vida; na escravidão de agora, o preço é o tempo. Antagônico. O salário que nunca vence o mês, o sono que nunca vence o cansaço, a liberdade que nunca vence a ilusão. Como tantos outros, sigo acreditando na promessa de liberdade, mas descubro que a vida é medida em horas vendidas. A cada dia, o relógio me prende em uma rotina rígida, e minha única decisão, se é que podemos chamar assim, é como o tempo vai me derrotar até o fim da semana.

Hoje, como tantos outros, me dizem que sou livre. Livre para escolher, livre para sonhar. Mas que liberdade é essa, se cada escolha já vem marcada pelo preço do cansaço? Ou será ilusão? Não é ilusão. É sobrevivência. No fim, percebo que minha vida não se mede em escolhas, mas em horas vendidas e dias consumidos pelo trabalho. Mais de um século depois, continuo, como tantos outros, vivendo essa meia liberdade: sem tempo para aprender, sem salário que baste, sem vida que se cumpra. Uma liberdade incompleta, que não educa, não sustenta e não liberta.